Envelhecer no Capitalismo: Quando as Pessoas Idosas LGBTI+ Se Tornam Invisíveis

Como o sistema económico organiza a exclusão das pessoas Queer idosas

Autor: Curt Morgane - Le Girofard
Investigação: Mery Hemard & Melody Rampath - Le Girofard

Alguns silêncios pesam mais do que outros.
Nos nossos espaços ativistas, falamos muito sobre os jovens. Coming outs difíceis, primeiras experiências no Orgulho, violência nos recreios. Isto é legítimo, é necessário. Mas há um silêncio que corre pelas nossas comunidades como um rio subterrâneo: o silêncio dos idosos.
Os idosos LGBT+ existem. No entanto, não os vemos. Ou melhor, aprendemos a não olhar para eles. E se isto não for uma coincidência? E se o nosso sistema económico, na sua fria lógica capitalista, estiver a organizar metodicamente o seu apagamento?
Problema: Como é que o capitalismo agrava a marginalização das pessoas LGBT+ mais velhas?
Vamos primeiro examinar como este sistema promove um individualismo isolador, como constrói o preconceito contra a idade como uma ferramenta de classificação social e, finalmente, como torna especificamente invisíveis as pessoas queer mais velhas, antes de delinear formas de resistência.

I. Individualismo Capitalista ou a Organização da Solidão

A família como única rede de segurança... quando se tem uma

O capitalismo, na sua forma avançada, funciona segundo um princípio simples: o indivíduo em primeiro lugar. Cada pessoa é responsável pelo seu próprio destino, pelo seu sucesso, pela sua sobrevivência. Solidariedade coletiva? Relíquias de outra era, fardos que estão a ser reduzidos, privatizados e transformados em mercados.
Neste vasto deserto relacional, resta uma instituição, sobrecarregada com todo o fardo: a família. É a família que deve cuidar das crianças, dos doentes e dos idosos. É o último baluarte contra a falta de moradia, o abandono e a solidão.

Cofinanciado pela União Europeia

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões expressas são as do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões. Projeto Nº.: 2024-1-DE02-KA220-ADU-000244060

Mas o que fazer quando não se tem família? O que acontece quando se é rejeitado pela família por se ter amado «da maneira errada»? O que acontece quando se constrói a vida fora dos caminhos bem trilhados da heteronormatividade?

Como salienta o relatório do governo canadiano sobre o isolamento social dos idosos LGBTQ, muitos idosos LGBT+ envelheceram com a convicção de que é melhor manter a sua orientação sexual ou identidade de género em segredo para garantir o seu bem-estar (Governo do Canadá, 2018). Esta invisibilidade forçada, esta necessidade de se esconder durante décadas, tem consequências diretas para aqueles que os rodeiam: sem filhos, sem parceiro reconhecido, sem rede familiar alargada. O capitalismo, ao tornar a família o único recurso, condena ao isolamento aqueles que não têm acesso a ela. É uma seleção social silenciosa, mas implacável.

O valor do trabalho ou o fim da utilidade social

Por que razão a sociedade capitalista despreza os seus idosos? A resposta é cruel, mas simples: porque já não produzem. Num sistema em que o valor de um ser humano é medido pela sua capacidade de trabalho, pela sua integração nos circuitos de produção e consumo, a reforma não é uma libertação: é uma marginalização. Uma saída do mundo dos «úteis».
Os idosos tornam-se um fardo. Bocas para alimentar sem qualquer retorno do investimento. Corpos que custam mais do que rendem.
Michael Adams, na sua análise para a American Society on Aging, coloca a questão de forma direta: «O idaidsmo é um sistema que atribui privilégios sociais, económicos e outros. Faz parte das instituições e dos quadros legais que organizam a nossa sociedade» (Adams, 2023). Não se trata apenas de uma questão de atitudes individuais. É estrutural.
Vemos isso no mercado de trabalho: depois dos 50, as promoções param, os programas de formação param e começam os despedimentos «discretos». Vemos isso no sistema de saúde: as queixas dos idosos são, com demasiada frequência, descartadas simplesmente como «idade», como se o envelhecimento fosse uma doença em si mesmo. Vemos isso nos espaços públicos: sem bancos, sem casas de banho, sem transportes acessíveis.
A mensagem é clara: já tiveste o teu tempo, agora deixa os jovens passarem.

Cofinanciado pela União Europeia

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões expressas são as do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões. Projeto Nº.: 2024-1-DE02-KA220-ADU-000244060

II. A identidade social posta à prova pela velhice

A Armadilha da Dupla Invisibilidade

Os idosos LGBT+ não sofrem uma única forma de marginalização, mas sim várias, que se acumulam, multiplicam e colidem.
Em primeiro lugar, há o preconceito contra a idade no dia a dia, aquele que apaga as pessoas mais velhas dos espaços públicos e das representações. Nos meios de comunicação, na publicidade, nos filmes, as pessoas mais velhas estão ausentes ou são reduzidas a estereótipos. Quando aparecem, raramente é como sujeitos desejantes, como seres apaixonados, como pessoas que controlam plenamente as suas vidas emocionais.
Depois, há a invisibilidade específica das comunidades LGBT+. Paradoxalmente, os nossos próprios espaços podem reproduzir estes mecanismos de exclusão.
Os bares gays, as festas lésbicas, os espaços ativistas são frequentemente concebidos por e para jovens. Falam de desejo, de corpos e de lutas — mas raramente do envelhecimento. Como se as nossas vidas terminassem aos 40. Como se a comunidade não tivesse qualquer Memória.

A dessexualização dos idosos ou a morte social

Uma das formas mais silenciosas de violência infligida aos idosos é a sua dessexualização. No imaginário coletivo, a sexualidade pertence aos jovens. Os idosos supostamente já ultrapassaram essa fase, possuindo uma espécie de sabedoria assexual que finalmente os torna «aceitáveis».
Para as pessoas LGBT+, esta violência é amplificada dez vezes. Porque a nossa identidade foi historicamente construída em torno da sexualidade, do desejo e da afirmação dos nossos corpos. Tivemos de lutar para existir como seres desejantes. Ser relegado à assexualidade simplesmente por causa da idade é uma segunda morte. Como Michael Adams salienta: «Uma visão estreita da orientação sexual é aquela que se baseia exclusivamente no desejo e na atividade sexual, em vez de refletir toda uma gama de dimensões da vida humana» (Adams, 2023). Reduzir a homossexualidade ao ato sexual também torna invisível toda a vida emocional, romântica e relacional das pessoas mais velhas.

A internalização do preconceito contra a idade

Talvez o pior seja quando as próprias pessoas idosas acabam por acreditar no que lhes dizem. Quando internalizam a ideia de que são demasiado velhas para serem ativistas, para desejar, para existir socialmente.
Este fenómeno de internalização da opressão está bem documentado nas lutas contra o racismo e a homofobia. Também se verifica no que diz respeito ao idadismo. Ao ouvir constantemente que se é um fardo, um peso, uma relíquia de outra era, acaba-se por

Cofinanciado pela União Europeia
Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões expressas são as do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões. Projeto Nº.: 2024-1-DE02-KA220-ADU-000244060

encolher até ao nada. Deixando de ocupar qualquer espaço. Aceitando a invisibilidade como inevitável.
Fredriksen-Goldsen conta a história de uma mulher idosa cujo parceiro de 50 anos acabara de falecer e que queria pôr fim a tudo porque «mais ninguém no mundo sabia do seu amor proibido» (Fredriksen-Goldsen, 2017). Esta história remonta à década de 1980. Mas quantos idosos ainda vivem esta solidão absoluta hoje em dia?

III. Resistir ao apagamento

Desconstruindo os nossos próprios preconceitos

Antes de qualquer ação, há um trabalho individual a ser feito. Todos nós internalizámos preconceitos de idade. Reproduzimo-los inconscientemente, nas nossas palavras, nas nossas atitudes, nas nossas escolhas ativistas.
Desconstruir a discriminação por idade significa, em primeiro lugar, aprender a ver as pessoas mais velhas. Significa deixar de as tratar como um grupo à parte, que precisa de cuidados, que precisa de ser «animado». Significa considerá-las como pares, aliadas, participantes de pleno direito nas nossas lutas.
Significa também questionar o nosso próprio medo do envelhecimento. Este mal-estar que sentimos perante um corpo marcado pelo tempo, perante a dependência, perante a morte. Este mal-estar é político.

Construir ligações intergeracionais

A divisão por idades é uma construção social, não uma inevitabilidade. Nas nossas associações, nos nossos eventos, nos nossos espaços ativistas, devemos considerar a inclusão das pessoas mais velhas como uma prioridade.
Isto pode ser alcançado através de:

- Horários adequados (sem reuniões às 22h de uma terça-feira à noite).
- Espaços acessíveis (fisicamente, mas também psicologicamente).
- Conteúdos que falem a todos (não apenas aos jovens entre os 18 e os 30 anos).
- Espaços de partilha onde as pessoas mais velhas possam contar as suas histórias, dar testemunho e transmitir os seus conhecimentos.

O relatório canadiano salienta a importância de promover o envolvimento de todos os setores — público, privado e sem fins lucrativos — para construir pontes entre gerações (Governo do Canadá, 2018).

Cofinanciado pela União Europeia

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões expressas são as do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões. Projeto Nº.: 2024-1-DE02-KA220-ADU-000244060

Repensar a habitação e os espaços de vida

O isolamento das pessoas LGBTQ+ idosas é também uma questão de habitação. Os lares de idosos tradicionais são frequentemente vistos como espaços hostis, locais onde é preciso esconder-se, voltar a entrar no armário.
Estão a surgir alternativas: habitação com apoio, coabitação intergeracional e habitação participativa. Algumas iniciativas, como as «casas da diversidade», visam especificamente criar espaços onde os idosos LGBT+ possam envelhecer rodeados de pares, sem abdicar da sua identidade.
Estes modelos ainda são demasiado raros. Temos de os multiplicar, apoiá-los e dar-lhes visibilidade.

Combater a invisibilidade nos meios de comunicação

Não podemos amar o que não conseguimos ver. A falta de representação dos idosos nos meios de comunicação social, na cultura e no discurso público contribui ativamente para a sua marginalização.
Temos de exigir representações justas e diversificadas do envelhecimento. Mostrar pessoas idosas que desejam, que lutam, que criam, que existem plenamente. Dar voz às pessoas idosas nos nossos próprios meios de comunicação ativistas. Tornar a sua visibilidade uma questão política.

Incluir o Idadismo na Convergência das Lutas

Com demasiada frequência, a luta contra a discriminação para a uma certa idade. Lutamos contra a homofobia, o racismo e o sexismo — mas esquecemo-nos de que estas opressões não terminam aos 60 anos. Elas combinam-se, reforçam-se mutuamente e transformam-se. Adams afirma isto com veemência: «O idadismo e o capacitismo são fenómenos estruturais que moldam negativamente as experiências vividas pelas pessoas LGBT+ mais velhas» (Adams, 2023). As nossas lutas devem integrar esta dimensão. Não deixem os idosos para trás.

Conclusão: Envelhecer é uma vitória política.

Envelhecer, quando se é LGBT+, é uma forma de resistência. Significa ter sobrevivido aos anos em que a homossexualidade era considerada uma doença mental. Significa ter sobrevivido à SIDA sem sucumbir a ela. Significa ter construído uma vida fora das normas, contra as pressões sociais, na invenção constante de novas formas de amar e de existir.
O capitalismo quer fazer-nos acreditar que os idosos são inúteis. Que são um fardo, um peso morto, um mau investimento. Mas sabemos que o valor de uma vida não se mede pela sua produtividade. Os idosos LGBT+ são as nossas memórias vivas. Foram eles que abriram os caminhos que hoje seguimos. Fizeram campanhas, amaram, sofreram, resistiram — muitas vezes nas sombras, muitas vezes sozinhos, muitas vezes sem reconhecimento.

Cofinanciado pela União Europeia

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões expressas são as do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões. Projeto Nº.: 2024-1-DE02-KA220-ADU-000244060

A nossa responsabilidade hoje é clara: não os esquecer. Incluí-los nos nossos espaços, nas nossas lutas, nas nossas vidas. Lutar contra o idadismo, tal como lutamos contra todas as formas de opressão. Tornar a convergência das lutas uma realidade concreta, que não se detenha numa determinada idade.
Porque envelhecer não é desaparecer. Envelhecer é continuar. E precisamos de todas as idades para construir o mundo que queremos.
Um mundo onde todos têm o seu lugar. Em qualquer idade.

Para saber mais

- Gouvernement du Canada (2018). Isolement social des aînés : un regard sur les aînés LGBTQ au Canada. Forum fédéral-provincial-territorial des ministres responsables des aînés.
- Adams, M. (2023). The Structural Roots of Ageism and Ableism: What It Means for LGBTQ+ Older Adults. ASA Generations.
- Fredriksen-Goldsen, K.I. (2017). Dismantling the Silence: LGBTQ Aging Emerging From the Margins. The Gerontologist, 57(1), 121-128.

Cofinanciado pela União Europeia

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões expressas são as do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões. Projeto Nº.: 2024-1-DE02-KA220-ADU-000244060